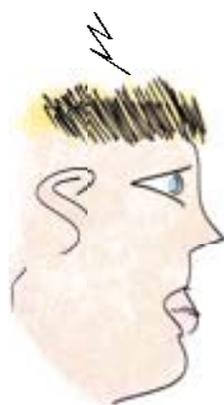




Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 685 de março de 2010.

CURIOSO MUNDO CONTEMPORÂNEO. ABDICAMOS DOS DIREITOS HUMANOS EM NOME DOS DIREITOS ECONÔMICOS.



IRÔNICO MUNDO CONTEMPORÂNEO. PERDIDO NA SUA PRÓPRIA DESCONSTRUÇÃO, NÃO SOUBE REINVENTAR A SI MESMO.



O VERBO DO SÉCULO XXI É POSSUIR. AMPARADOS NO ESTÍMULO AO CONSUMO E NO DOMÍNIO DO MERCADO SOBRE A RAZÃO, PESSOAS DEIXARAM DE SER CIDADÃS PARA SE TRANSFORMAREM EM CONSUMIDORAS.



NO FUNDO, TUDO O QUE EXISTE MESMO É O MERCADO E AS MERCADORIAS. ATÉ O CONHECIMENTO VIROU MERCADORIA.



DIREITOS HUMANOS X DIREITOS ECONÔMICOS Curioso mundo contemporâneo. Estamos trocando questões de natureza humana por coisas absolutamente desumanas. Preferimos ser *Big Brother* ao invés de “brother,” de verdade. Trocamos questões econômicas por elaboradas planilhas financeiras de valor duvidoso. Afrontamos questões legais em nome de questões ideológicas ou de conveniência. Desistimos das práticas humanitárias em favor das práticas de mercado. Abandonamos o humanismo em detrimento das finanças. Abdicamos dos direitos humanos em nome dos direitos econômicos. Os resultados são as grandes falências, as “bolhas”, as quebradeiras, a desconfiança, o descrédito, o desemprego, a violência e, por que não, a loucura.

“MUITO ÉTICO” Dia desses ouvi uma pessoa dizer para outra que ela era “muito ética”. Fiquei pensando no descompasso da frase. Afinal, a ética, assim como a gravidez, não se tem muito ou pouco. Nenhuma mulher fica mais ou menos grávida. Ela está grávida, e pronto. Da mesma maneira, pensei, a ética não é uma qualidade que se tem mais ou menos. Ou você tem, ou não tem. Talvez, o que a pessoa quisesse dizer é que a outra não estava à venda; que não se corromperia. Daí, compreendi a adequação, no uso do advérbio de intensidade ‘muito’. Uma forma de intensificar ou superestimar a ética, conduta que, apesar de normal, é vista com estranheza nesses tempos de corrupção e escândalos, e por que não, de barbárie.

CONTRADIÇÕES É exatamente no meio dessas enormes contradições que se proliferam estranhas criaturas. Verdadeiros aproveitadores que manipulam palavras com a mesma competência com que maquiam números e relatórios. Têm também os radicais de plantão, “xiitas” que se julgam o suprassumo da lisura e os fiéis da balança. Outro grupo é formado pelos politicamente corretos. São aqueles que abraçam causas sociais e ambientais e saem por aí praguejando contra os fumantes e esbravejando contra a destruição das florestas e dos animais, confortavelmente instalados nos seus belos apartamentos. Bem vestidos e bem remunerados, eles exibem seu discurso ambientalista em reuniões sociais, regadas a *whisky* e espumante e acompanhadas por um bom caviar ou um belo vitelo.

DESCONSTRUÇÃO Irônico mundo contemporâneo. Perdido na sua própria desconstrução, não soube reinventar a si mesmo. Que o mundo caminha em ciclos, os historiadores já nos ensinaram. Porém, o século XXI, com sua tecnologia, transparência e informação criou exércitos de falastrões, carregados de direitos cujos significados nem eles mesmos sabem ao certo. Falam, interpretam e interpelam com a arrogância típica dos que se julgam cheios de razão. Uma razão duvidosa, porque amparada numa forma de pensar na qual não existe espaço para o conhecimento, a referência ou o compromisso com a história que o antecedeu. Ao contrário, falam em nome de si mesmos. São legiões de criaturas que desconhecem a coletividade e a vida em sociedade.

MERCADO X RAZÃO O verbo do século XXI é possuir. Amparados no estímulo ao consumo e no domínio do mercado sobre a razão, pessoas deixaram de ser cidadãs para se transformarem em consumidoras. Uma doença que se propagou pelo mundo desvirtuando referências, valores e princípios e criou legiões de compradores, enfeitiçados por marcas de carro, marcas de roupa, marcas de computadores, marcas de restaurantes, ícones de um tempo dominado por “*matrix*” egocêntricos e exibicionistas seduzidos por um individualismo impróprio e inadequado à chamada era do conhecimento.

MERCADORIA Fala-se muito do acesso à informação, da democratização dos meios, da ascensão econômica das classes sociais até então fora do mercado de consumo. Mas, no fundo, tudo o que existe mesmo é o mercado e as mercadorias. Até o conhecimento virou mercadoria. Escolas e universidades propagam cartilhas mal construídas e formam legiões de desinformados. Fala-se também em direitos. Mas, sobre deveres ninguém fala nada. No caminho individualista e egocêntrico do mundo dos consumidores, pouco se fala em obrigações. Talvez porque obrigação pede compromisso, pede respeito e, principalmente, ética. Por trás dos deveres, existe o sentido de coletividade e a noção de responsabilidade. Atitudes que não combinam com o individualismo e o narcisismo. De fato, somente a noção de dever combina com a democracia e com as leis. Conquistas do passado, que o século XXI precisa redescobrir.